



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

JACARTA, INDONÉSIA, 23 DE JANEIRO DE 2001

Tenho grande satisfação de estar aqui e desejo agradecer à Câmara Indonésia de Comércio e Indústria pela organização deste seminário, que oferece uma oportunidade excelente para que nossos países se conheçam melhor.

Sou o primeiro Presidente do Brasil a visitar a Indonésia. A ocasião é muito gratificante para mim, na medida em que nos torna possível emprestar novo ímpeto às relações bilaterais.

O Brasil e a Indonésia são ambos países em desenvolvimento. Na realidade, grandes países em desenvolvimento. Enfrentamos muitos problemas semelhantes e estou convencido de que há muitas áreas em que podemos trabalhar juntos.

Quero aproveitar esta oportunidade para apresentar-lhes um breve quadro da situação socioeconômica no Brasil.

Há dez anos, o Brasil já era um país com grandes perspectivas econômicas, mas enfrentava problemas que pareciam insuperáveis, ao menos para os mais pessimistas. Havia a ameaça da hiperinflação e o conseqüente caos das finanças nacionais.

Em 1994, executamos com êxito um plano para a estabilização da economia, o Plano Real. Isso mudou radicalmente a situação e, em consequência, o Brasil ingressou em um novo ciclo de crescimento não-inflacionário.

Conseguimos controlar a inflação (que esteve abaixo de 6% no ano passado). O crescimento econômico foi impulsionado pela melhora do poder aquisitivo da população, inclusive nos segmentos mais pobres.

O nível de investimento estrangeiro direto elevou-se de forma expressiva (nos últimos dois anos, tivemos uma média de 2 bilhões de dólares por mês).

Em 2000, a colheita de grãos atingiu o recorde de 83 milhões de toneladas.

Estamos implementando um programa plurianual de investimentos, voltado para a modernização da infra-estrutura econômica do Brasil e para a promoção do desenvolvimento social. O programa prevê investimentos no montante de 160 bilhões de dólares (de fontes tanto públicas como privadas) para um período de oito anos.

Como a Indonésia, nós sentimos as consequências das turbulências financeiras internacionais. Em janeiro de 1999, o Brasil viu-se forçado a desvalorizar sua moeda e a adotar um novo regime cambial, baseado em taxas flutuantes. Apesar de muitas previsões pessimistas feitas naquele momento, o Brasil recuperou-se de forma razoavelmente rápida.

Em 2000, a taxa de crescimento esteve em torno de 4% (com um forte crescimento do setor industrial), e esperamos uma taxa ligeiramente superior este ano (4,5%), talvez ainda mais alta para os próximos anos, dependendo das condições no plano internacional.

As taxas de desemprego estão em seu nível mais baixo dos últimos três anos, e estão decrescendo. Isso foi assegurado com a execução de um programa doloroso, mas necessário de ajuste fiscal.

Esses resultados foram possíveis também em razão do fato de que, em pelo menos duas formas diferentes, o Brasil havia se tornado mais forte e mais apto a fazer frente a desafios difíceis.

Em primeiro lugar, há uma forte tendência de opinião pública em favor da estabilidade econômica. Isso dá ao Governo legitimidade para

conduzir políticas econômicas responsáveis. Os brasileiros compreendem, na atualidade, que não há uma relação mutuamente exclusiva entre desenvolvimento e estabilidade.

No ano passado, o Congresso aprovou uma Lei de Responsabilidade Fiscal, que é um marco histórico para o Brasil. Essa lei transformou em obrigação exigível para todos os funcionários de governo atuar de forma responsável e com total transparência no gasto de dinheiro público.

Apenas um exemplo: nenhum funcionário público pode criar uma nova despesa contínua sem antes indicar seja uma fonte de renda no Orçamento seja uma redução compensatória em outros dispêndios permanentes.

O Governo Federal vem fazendo a sua parte, assegurando um superávit primário. De 1998 a 2000, verificou-se uma melhora fiscal de mais de quatro pontos percentuais do PIB.

Mas existe ainda uma segunda forma pela qual a economia do Brasil tornou-se mais forte.

As empresas brasileiras ganharam eficiência, produtividade, tornaram-se mais aptas a competir globalmente. Ao longo dos últimos dez anos, a produtividade industrial tem crescido a uma taxa média anual de 7,6%. A qualidade dos produtos aumentou consideravelmente.

Todo esse progresso deveu-se, em boa medida, à maior abertura da economia brasileira. Desde o início dos anos 90, reduzimos significativamente nossas tarifas comerciais e eliminamos barreiras não-tarifárias.

Deveu-se também à privatização e às reformas estruturais. A Petrobras, a empresa brasileira de petróleo, é um bom exemplo de uma empresa estatal que se tem demonstrado capaz de se modernizar e de se tornar mais competitiva, inclusive em áreas de intenso uso de tecnologia, como a produção *off-shore*.

O sistema bancário brasileiro fortaleceu-se por meio de medidas decisivas, adotadas no momento correto. Isso também foi um fator importante a ajudar-nos a atravessar as turbulências financeiras internacionais com um mínimo de dano para nossa economia.

De maneira geral, as perspectivas para nossas relações com a economia internacional são muito boas, embora ainda tenhamos muito a fazer para assegurar maior acesso de produtos brasileiros a outros mercados.

É preciso continuar lutando contra o protecionismo e a competição desleal de países desenvolvidos. Como importantes produtores agrícolas, o Brasil e a Indonésia têm interesses comuns nessa área.

Em 2000, o Brasil teve um déficit comercial de aproximadamente 700 milhões de dólares. Não foi, de forma alguma, um resultado ruim, uma vez que nesse ano os preços relativos internacionais não favoreceram os produtos de exportação brasileiros e, ao contrário, beneficiaram nossos produtos de importação, em especial o petróleo e derivados.

De fato as exportações do Brasil mostraram grande força, especialmente as de produtos manufaturados. Isso é claramente um resultado dos ganhos de produtividade e de qualidade no setor industrial brasileiro, inclusive em áreas de alto conteúdo tecnológico, como a indústria aeronáutica.

Com base nas informações que acabo de lhes apresentar, torna-se claro que as perspectivas econômicas do Brasil – internas e internacionais – são muito boas.

Isso não significa que não tenhamos problemas. Ao contrário. Por exemplo, enfrentamos uma herança pesada de injustiça social.

É por isso que vimos colocando grande ênfase na educação e na saúde. Essas são áreas cruciais não apenas para a promoção da justiça social, mas também para assegurar o desenvolvimento econômico.

Em nossos dias, nenhum país pode esperar alcançar êxito no plano econômico sem uma força de trabalho qualificada.

O Brasil já obteve resultados expressivos. Em 1993, cerca de 84% das crianças em idade escolar freqüentava as escolas no Brasil. Hoje, sete anos mais tarde, 97% de todas as crianças estão na escola. Nos últimos seis anos, o número de crianças e jovens no ensino médio aumentou 67%.

Devemos também fazer nosso melhor esforço para reduzir a distância que nos separa dos países mais avançados em ciência e tecnologia. O Brasil tem dado passos importantes. Estamos duplicando nosso orçamento de pesquisa, alcançando mais de 1 bilhão de dólares por ano.

Estamos também lançando um programa específico para assegurar que os brasileiros estarão plenamente capacitados para participar dos benefícios da tecnologia da informação.

Senhoras e Senhores, o Brasil e a Indonésia são ambas economias dinâmicas com grandes mercados internos.

Em nossas relações como a economia mundial, vemo-nos diante de problemas como o protecionismo ou o caráter instável dos fluxos de capital.

Há muito que podemos fazer juntos, tanto no plano bilateral como no multilateral, por exemplo no G-15 – que, a propósito, realizará sua próxima reunião na Indonésia.

No nível bilateral, acredito que este é o momento para criar condições para o crescimento em nosso comércio bilateral e em nossos investimentos recíprocos.

Nossa corrente de comércio (400 milhões de dólares por ano) está muito abaixo do que se poderia esperar, dada a dimensão de nossas economias.

Há inúmeras oportunidades de investimento em ambos os países, e estou convencido de que este seminário está dando uma contribuição extremamente útil para a identificação dessas oportunidades.

Nossos governos devem mostrar o caminho e criar um quadro institucional para a expansão das relações bilaterais. Podemos negociar acordos para reduzir ao mínimo os obstáculos burocráticos. Podemos explorar o potencial de cooperação científica e tecnológica entre dois países tropicais, com amplas áreas de floresta úmida e com um considerável desenvolvimento na pesquisa científica.

No entanto, nem tudo pode ser feito pelos governos. É essencial contar com a participação ativa do setor privado.

Empresários do Brasil e da Indonésia têm muito a ganhar com o estreitamento dos laços bilaterais entre nossos dois países.

No passado, a distância geográfica pode ter sido um impedimento. Isso já não ocorre.

Em função dos recentes desenvolvimentos no transporte e nas comunicações, não há razão para que Brasil e Indonésia não possam ter, entre si, um comércio florescente e um fluxo crescente de investimentos, assim como parcerias e *joint-ventures* empresariais. Não podemos ter medo das distâncias. Vamos trabalhar conjuntamente e alcançar os melhores resultados nesse relacionamento tão promissor.

Muito obrigado.